

O Meio Ambiente Na Revista Veja: Mudanças Ocorridas Em Duas Décadas De Análise

Mariana Alves Campos

Resumo

O presente estudo é uma análise do tratamento dado às pautas ambientais da revista Veja, em um intervalo de vinte anos (1985 a 2005). A pesquisa teve como objetivo possibilitar a percepção das diferentes abordagens jornalísticas em relação ao meio ambiente, sobretudo da mudança de postura da revista em relação ao tema. De fato, foi possível constatar alterações no tratamento dado ao assunto. O uso de expressões como “proteção ao meio ambiente”, “impacto ambiental” e “ecologia” ficou cada vez mais comum com o passar dos anos. Reportagens com temas recorrentes, como a Floresta Amazônica, tiveram suas angulações modificadas. Exemplo disso é a diferença percebida entre a primeira reportagem analisada, de 1985, a respeito da venda de peixes ornamentais, e a matéria sobre o fogo que destrói a floresta e a saúde, em 2005.

Palavras-chave: Jornalismo; Meio ambiente; Veja; Desenvolvimento Sustentável; Eco 92

1. INTRODUÇÃO

A preservação do meio ambiente tem conquistado um espaço cada vez maior na atualidade, através da articulação de movimentos organizados da sociedade civil, de iniciativas de responsabilidade social de empresas, de órgãos governamentais e da imprensa. O presente estudo é uma análise do tratamento dado às pautas ambientais da revista *Veja*, em um intervalo de vinte anos, compreendido entre 1985 e 2005. O critério de seleção do veículo analisado teve como base seu potencial de alcance e repercussão, ou seja, um meio de comunicação que possuísse expressividade em diversos setores sociais(1).

A pesquisa teve como objetivo possibilitar a percepção das diferentes abordagens jornalísticas em relação ao meio ambiente, sobretudo da mudança de postura da revista em relação ao tema. Foi também averiguar a veracidade da hipótese que mostra uma maior conscientização da sociedade com as causas ecológicas, postura essa que se refletiria na imprensa(2) .

2.. A ANÁLISE COMEÇA EM 1985

Analisando as primeiras reportagens do material selecionado – compreendendo o ano de 1985 -, foi possível descobrir certos padrões, tanto no aspecto lingüístico quanto em relação ao tratamento dado ao corpus da pesquisa. Averiguou-se que, nessa época, eram priorizados muito mais os aspectos econômicos da natureza, ou seja, o que ela poderia fornecer de matéria-prima aos seres humanos. Mais do que isso, era tratada como um bem econômico, sendo a ela atribuída apenas valores de mercado. Fatores como conservação das espécies, reflorestamento e outras preocupações ecológicas não eram recorrentes, e quando apareciam ficavam restritas a pequenos boxes dentro das reportagens. Nota-se uma visão de distanciamento entre o homem e o meio ambiente, em contraste ao discurso de que o ser humano é parte integrante da natureza. Keith Thomas nos lembra que a primeira idéia é defendida pelos pensadores que sustentam que natureza e cultura são entidades diferentes (1996, p. 107).

Pergunte a qualquer um na massa de gente obscura: qual o propósito da existência das coisas? A resposta geral é que todas as coisas foram criadas para nosso auxílio e uso prático! (...). Em resumo, todo o cenário magnífico das coisas é diária e confiantemente visto como destinado, em última instância, à conveniência peculiar do gênero humano. Dessa forma, o grosso da espécie humana arrogantemente se eleva acima das inumeráveis existências que o cercam. (G.H. Toulmin, 1780, Apud THOMAS, 1996, p. 21)

Em 23 de janeiro de 1985, a *Veja* publicou reportagem de uma página, dentro da seção “Ambiente”, intitulada “Lucro líquido – Peixes ornamentais: nova riqueza na Amazônia”. Na abertura, a evidência de que os aspectos econômicos eram prioridade.

O pescador amazonense (...), aportou sua canoa em Manaus na semana passada trazendo consigo mais de 6 milhões de cruzeiros

vivos e provisoriamente mergulhados em pequenos tanques a bordo. Depois de seis meses de trabalho nas águas escuras (...), Silva conseguiu amealhar um imenso lote de supercoloridos habitantes daquelas paragens: diminutos peixes ornamentais para os quais não faltam compradores. E, o que é melhor, ao contrário de seus também cobiçados irmãos maiores comestíveis, como o tucunaré e tambaqui, os peixes ornamentais são pagos em dólares, já que a imensa maioria deles é exportada. (grifo nosso)

Outros trechos da reportagem confirmam o enfoque direcionado à economia e aos negócios, como por exemplo na parte em que é registrada uma desvantagem do cardinal, dizendo que esta espécie de peixe só rende em grandes multidões, pois seu preço não ultrapassa os 5 centavos de dólar (equivalente a 170 cruzeiros).

As imagens inseridas na matéria também são indicadores desta perspectiva econômica. Na parte superior da página, há duas fotos de peixes, com a legenda: “Entre as 150 espécies ornamentais de peixes destaca-se o valioso Royal blue: 300 dólares cada”. Já na parte de baixo, uma fotografia do pescador citado no texto segurando um saco com peixes: “O pescador Silva com parte de seu tesouro: tipo exportação”. Palavras como valioso, tesouro e outras de valor semântico parecido que aparecem ao longo da matéria indicam a intenção da reportagem. O interessante é notar que, mesmo a matéria estando na seção Ambiente, não há qualquer referência aos valores naturais dos peixes, apenas atribuições de valor enquanto produtos do mercado. Tampouco se comenta a respeito da cautela a ser adotada em relação à pesca de espécies ornamentais, o que representa um risco para esses animais, pois poderiam entrar em extinção. Conclui-se que foi dado um tratamento negativo ao meio ambiente, visto que aspectos fundamentais não foram inseridos no enquadramento.

Outra matéria escrita em 1985 para a seção Ambiente parece, do mesmo modo, não dar importância às questões ecológicas. “Veneno no lar – Detetização faz vítimas no Rio e SP” (27 de março) chama a atenção para o fato de que muitas pessoas sofreram intoxicação com um pesticida agrícola. Na reportagem, são descritos os prejuízos causados ao corpo humano, porém nenhuma menção quanto aos impactos ambientais no solo, na água ou no ar dessas regiões. Há apenas a informação do tempo que o produto leva para se decompor no solo.

Com o título “O senhor da floresta – À frente de um exército de 100 homens, o gaúcho Elton Rohnelt é rei da fronteira na Amazônia” (13 de fevereiro), a reportagem publicada na seção Aventura parece reforçar a visão do homem como agente de dominação da natureza. A abertura dá prosseguimento à idéia: “Embalado pela determinação de domar a selva, prosperar e acumular riquezas, o gaúcho Elton Rohnelt rumou para a Amazônia há catorze anos” (grifo nosso).

4

As demais reportagens ou notícias de 1985 que foram analisadas apresentam características semelhantes às encontradas até agora. É comum o uso de termos como “prosperidade”, “desenvolvimento”, “construção”, “exploração econômica”, “ocupação” e “ampliar fronteiras” para ressaltar os aspectos econômicos, sociais/ humanos ou até mesmo políticos, enquanto que expressões como “os bichos vão satisfazer a curiosidade”, “caçar jacarés”, “domar a selva”, “venceu a mata” e “inferno” são utilizadas em referência aos recursos naturais.

O material recolhido do ano de 1986 não apresenta mudanças em relação a 1985. Uma boa reportagem a ser desconstruída fala sobre as saúvas, espécie de formiga encontrada em diversas regiões do Brasil. O subtítulo parece preparar o leitor para o que ele encontrará no decorrer da reportagem: “Marcha batida – Saúvas devoram eucaliptos no Mato Grosso do Sul” (30 de abril). A linguagem utilizada é bastante pejorativa em relação às saúvas, colocando-as como verdadeiros monstros destruidores de plantações. Já na abertura, percebemos a idéia que se deseja passar.

Numa operação silenciosa, milhares e milhares de colônias de saúva, a formiga mais temida do Brasil, estão promovendo uma espetacular devastação em Mato Grosso do Sul, numa área de 500 000 hectares de terra onde viceja o maior pólo florestal do país, formado basicamente por eucaliptos. Em 1980, 13% dessa área (...) já havia sucumbido ao voraz apetite das saúvas. (grifo nosso)

No texto, o argumento de que as formigas só estão consumindo aquela área porque houve o desaparecimento de seus predadores naturais (em virtude do desmatamento desenvolvimentista), gerando um desequilíbrio naquele ecossistema, não é devidamente valorizado. A reportagem constrói uma imagem das saúvas – de culpadas, vilãs - que não é condizente com a realidade apresentada. Expressões como “banquete das saúvas”, “exército inimigo de saúvas” e “não poupam a natureza” atuam como agentes de repulsão entre a espécie humana e esses animais. É interessante observar a última expressão citada – na verdade, este desequilíbrio ambiental é consequência da ação do homem, e não de qualquer outra espécie. Naquele ambiente – transformado em grande área de terra cultivada –, quem não poupa a natureza, de fato, é o ser humano. Portanto, o enfoque principal, apesar de ser ecológico, gera um tratamento negativo ao corpus da pesquisa. A categoria “Foto” merece destaque nesta matéria, por sua legenda: abaixo de uma imagem de um espécime carregando uma folha, vem escrito “Saúva: destruidora”, sintetizando toda a angulação da reportagem. Merece crédito, igualmente, o infográfico, que aponta as áreas atingidas pelas formigas, cujo título é “Um apetite voraz”.

Assim, a reportagem acima seria um exemplo de segmento “restrito”, onde é incluído um único enquadramento interpretativo sobre um evento (PORTO, 2002).

6

Nesta época, a preocupação com a educação ambiental não era recorrente na pauta da Veja. Em uma reportagem (1º de janeiro) que narra o racionamento de água em São Paulo devido a uma estiagem, o repórter não chama atenção para o fato de que se deve evitar o desperdício de água em quaisquer circunstâncias, e não somente em épocas de crise como aquela. O trecho “Assim, lavar um automóvel ou regar um jardim equivale hoje a depredar um bem público” mostra isso de maneira clara (grifo nosso).

A Veja apresentou uma matéria em 1987 falando sobre o novo foco turístico brasileiro: a usina hidrelétrica de Itaipu. Desde o subtítulo, é possível perceber o destaque que é dado à economia: “Atração energética – A hidrelétrica de Itaipu vira um foco turístico e estimula a economia das cidades ao redor do lago” (22 de julho). Na reportagem, são abordados fatores como geração de empregos e vida nova à cidade, porém quase não é explorada a questão do desaparecimento de Sete Quedas, um atrativo turístico, em decorrência da instalação da usina. A idéia passada é do empreendimento trazendo apenas benefícios, inclusive ambientais, aspecto reforçado pela conclusão, que fala sobre a pesca naquela área. As fotografias utilizadas na extensa reportagem apresentam, principalmente, turistas na região ou pessoas bem-sucedidas devido aos frutos econômicos gerados após a construção da hidrelétrica.

“Um decreto real – Governo corta investimentos de agropecuária na Amazônia e proíbe a exportação de toras de madeira” foi a manchete de uma notícia divulgada na seção Ambiente da Veja em uma das edições de 1988. Aqui, podemos notar algumas modificações em relação ao tratamento dado ao corpus da pesquisa, que se mostra bastante positivo. A começar pelos signos não-linguísticos, que trazem uma das imagens, um amontoado de toras de madeira (“Ecossistema e seus componentes”), com a seguinte legenda: “A exportação de toras de madeira em Porto Velho, em Rondônia: vetada”, passando pela seleção de palavras (“devastação desenfreada da vegetação”, “proteção ao meio ambiente”), até seu enfoque principal – que apesar de caminhar pela política tem sua prioridade na ecologia-, a reportagem adota uma postura favorável às causas ecológicas. O jornalista, inclusive, elogia os políticos que tomaram tal resolução de proteger a Amazônia (“O programa Nossa Natureza foi um passo acertado de Sarney”), e ainda sustenta seus argumentos inserindo depoimentos de ecologistas – frequentemente alvos de ironia e alfinetadas da revista – e outros entendedores do assunto:

O meio ambiente finalmente adquiriu uma dimensão política. O pacote não é perfeito, mas mostrou uma grande disposição do Poder Executivo em resolver os problemas ambientais, o que já é um avanço respeitável para quem já considerou a defesa da ecologia coisa de subversivo.

O depoimento acima é de Fábio Feldmann, deputado federal, líder ambientalista e um dos principais relatores do capítulo VI (reservado ao Meio Ambiente) da Constituição Federal de 1988. É interessante observar que esta reportagem foi publicada no dia 19 de outubro, catorze dias após a promulgação da Carta Magna.

É a partir do ano de 1989 que se tornará mais freqüente o termo Ecologia. Podemos perceber tal mudança através das eventuais substituições do nome da seção sobre meio ambiente, passando de “Ambiente” para “Ecologia”. Somada a isso, a freqüência desta seção, ao longo dos anos, se tornou maior. Várias edições apareciam sem o espaço reservado a assuntos ambientais, e essa ausência começou a ficar menos intensa no fim da década de 80. É também a partir desta época que se começa a falar que a nova onda mundial era a preocupação com as causas ecológicas. As capas com temas relacionados às questões ambientais ficaram mais freqüentes a partir de 1989.

Em 1989, a Veja publicou uma grande reportagem – de capa – tratando dos ecossistemas marinhos. Já na manchete, uma mensagem bastante chamativa: “Um grito de socorro” (04 de janeiro). Dentro da seção Ecologia, a matéria trouxe uma série de questionamentos que poderiam levar as pessoas a uma reflexão sobre a forma como nos relacionamos com os recursos naturais, e se essa postura não deveria ser modificada. Apesar desse tratamento positivo oferecido ao objeto de estudo, a reportagem apresenta uma certa pretensão quanto às formas de se combater a poluição quando, ao formular o subtítulo, escreve: “Usado há décadas como uma lata de lixo gigante, o litoral brasileiro começa a sentir as agressões, mas os cientistas já sabem como salvá-lo”. O problema aqui está no otimismo do subtítulo, algo que não é condizente com a realidade apresentada pelo próprio jornalista durante a reportagem. Mesmo assim, já é possível percebermos uma mudança de postura em relação ao tema, fato que se tornará, gradativamente, mais comum.

Abordagens como “Com o crescimento da consciência ecológica aumenta igualmente a combatividade dos grupos ecológicos devotados à proteção do mar” tornam-se presentes nas matérias, ainda que diversas vezes o objetivo principal da notícia seja destacar os aspectos econômicos, e não, necessariamente, os ecológicos. Como já foi dito, o essencial a ser observado é uma alteração de perspectivas e abertura para questionamentos, marcando o início de uma nova onda, segundo o próprio jornalista:

Menos operacionais e mais ligados ao crescimento da consciência ecológica, os membros da Fundação Planeta Oceano (...) realizam um trabalho que só faz sentido quando visto da perspectiva da valorização súbita da causa ecológica em todo o mundo. (da mesma reportagem; grifo nosso)

As duas reportagens recolhidas do ano de 1990 apresentam o termo “verde” no título (“De bem com verde” – 09 de maio - e “Festa verde-amarela”

7

– 25 de abril -, este último colocado de modo ambíguo propositalmente, visto que narra a ida de políticos brasileiros a um Congresso Mundial sobre Meio Ambiente), mostrando que os mais diferentes signos lingüísticos relacionados à Ecologia começavam a ganhar espaço na mídia. Mesmo assim, os ecologistas ainda não haviam conquistado respeito nem apoio da revista: por duas vezes na mesma matéria (“Festa verde-amarela”), o então secretário do Meio Ambiente do governo federal, José Lutzemberger, é chamado de “ecologista radical”, por apresentar propostas preservacionistas durante o congresso.

A reportagem seguinte a ser analisada data o ano de 1991, e se mostra bastante otimista, repleta de fotos de ecossistemas e símbolos da fauna e da flora brasileiras. Na capa da revista, mais uma vez o termo “verde” aparece, aliado às boas expectativas do texto.

O BRASIL VERDE - Poucos países do mundo têm hoje tantas chances de vencer a batalha da preservação ecológica como o Brasil. A chave para isso está na defesa de um tesouro natural único: os 30 milhões de hectares de seus 120 parques e reservas florestais. (17 de abril)

A confirmação da mudança de abordagem em relação ao tema está na expressão utilizada pelo jornalista quando descreve a década de 90: “a década da Ecologia”. Ele fala, igualmente, em uma nova mentalidade, usa expressões como “preservação ambiental” e “o Brasil foi apanhado pela onda ecológica” e adquire, inclusive, liberdade para acusar governantes do não cumprimento de promessas no setor ambiental:

__É um bom sinal quando órgãos do governo correm atrás de agressores da natureza. Essa é uma situação emblemática. Há alguns poucos anos, por omissão, pela sede de desenvolvimento, ou pela conquista de áreas selvagens, era o governo que liderava a agressão em vez de reprimi-la.

3. O ANO DA ECO-92

A Eco-92 exerceu enorme influência, direta ou indireta, sobre a população mundial. A partir deste momento, temas relacionados à Ecologia entraram definitivamente na pauta dos veículos midiáticos de todo o mundo. Portanto, não aconteceria algo diferente com a mídia brasileira(3).

Durante o ano de 1992, a Veja publicou duas grandes reportagens sobre o assunto (22 de abril e 03 de junho, dia em que se iniciou o evento), sendo as duas matérias de capa. O enfoque principal foi feito através de uma perspectiva ao mesmo tempo ecológica e econômica. As fotos de ambas as reportagens servem como alerta, por divulgarem ecossistemas degradados pela ação humana.

A chamada de capa da primeira reportagem é “Poluição e desenvolvimento – A grande briga da ECO 92”, cuja imagem mostra Maurice Strong, organizador da conferência, segurando o planeta Terra protegido por uma má-

cara de oxigênio. Nesse caso, é interessante analisar a seção “Carta ao leitor”. Alguns trechos confirmam as análises feitas sobre a abordagem do veículo em relação às pautas ambientais até o momento:

__Ao contrário da noção antiprogresso que se confundiu com a ecologia até há alguns anos(4), agora se tem como estabelecido que o desenvolvimento contribui para a manutenção do equilíbrio ecológico. Para que isso aconteça, é preciso que o desenvolvimento esteja em sintonia com as leis da natureza, em vez de violá-las. (...) Cada vez mais, a ecologia está se misturando à economia, num mundo interligado.

Utilizando um recurso estilístico bastante usual da revista – a ironia –, o repórter, no subtítulo da matéria, anuncia o aparecimento, na Eco-92, do ecologista do século XXI, “que deixa o mico-leão de lado para falar do que interessa”. E, já no desenvolvimento, acrescenta: “Pela primeira vez, a luta pelo meio ambiente saiu do círculo ingênuo da baleia, do urso panda e do mico-leão dourado para colocar-se no centro das discussões econômicas e políticas do mundo”. Exageros à parte, a reportagem oferece ao leitor dados consistentes sobre os problemas ambientais, os temas das discussões da conferência e as alternativas ao modelo de desenvolvimento. O leitor absorve uma percepção favorável à “teoria do desenvolvimento sustentável” (palavras do jornalista). “Sonhos ecológicos”, “roupa verde” e a proposta de se utilizar o mesmo valor investido na Guerra do Golfo para tratar esgotos, limpar rios e preservar as florestas estão presentes na matéria.

A segunda reportagem é resultado de uma “Edição Especial” e traz a chamada: “O mundo se encontra no Rio – Estrelas, temas e brigas da maior conferência ecológica da História”. Uma expressão interessante atua como gancho da matéria: “Última chance”. Com essa chamada alarmista, pretende-se atentar para o fato de que, se novas resoluções não fossem propostas e concretizadas a partir daquele instante, o mundo poderia, talvez, perder as esperanças de viver em um planeta mais saudável. Nota-se que o jornalista parece se apropriar de um discurso utilizado há muito por ambientalistas, que antes eram considerados radicais pela própria revista (conforme vimos em reportagens anteriores). O que nos parece é que a mídia passou a adotar um pensamento anteriormente restrito e questionado, transformando-o em discurso único.

No subtítulo “Começa no Rio de Janeiro a megarreunião ecológica que pode mudar os rumos do mundo”, há uma previsão quase apocalíptica sobre a Eco-92, fundamentada sobre as expectativas geradas para este encontro.

4. DEPOIS DA ECO-92

“Quando a Eco-92 for história, se saberá exatamente o que ela significou”. Essa predição foi feita na parte final da segunda matéria da Veja sobre a conferência, em 1992. De fato, as repercussões geradas com a Eco-92 foram de grande intensidade. A imprensa, nesse aspecto, serviu de aliada ao desenvolvimento sustentável. Na época da conferência, o conceito virou moda e era

citado em matérias sobre meio ambiente e economia.

A revista *Veja*, a partir da Eco-92, construiu, pouco a pouco, uma nova abordagem em relação às suas pautas ambientais, passando a enfatizar os problemas causados pela ação humana, como desmatamento, poluição e envenenamento de ecossistemas.

Em 05 de maio de 1993, a reportagem “Os bichos chegam ao paraíso” chega a causar estranheza e admiração, pela mudança de interpretação da revista em relação à política de preservação de espécies ameaçadas de extinção. Trata-se de relatos de projetos que têm conseguido proteger a fauna brasileira, seja pela criação em cativeiro, pela compra de grandes áreas naturais, ou por outros meios. Na abertura, a preocupação com o meio ambiente: “Algumas dezenas de pequenas iniciativas espalhadas por todo o Brasil estão começando a reverter séculos de destruição do ambiente natural que quase riscou do mapa muitos dos mais belos animais da fauna brasileira”. Duas mudanças merecem destaque: primeiramente, o fato de um dos projetos ser dedicado à conservação do mico-leão dourado nos parecerá bastante irônico, se nos reportarmos à matéria sobre a Eco-92, citada anteriormente, em que o repórter subestima a importância dessa espécie. Em segundo lugar, o que observamos é uma inversão de espaços: nessa reportagem, há um box informando que, naquele mês, uma tradição de 26 anos iria se repetir no Rio Grande do Sul: a temporada de caça amadora. Poder-se-ia arriscar, com base nesse estudo, que, se a mesma matéria tivesse sido publicada em meados dos anos 80, o espaço maior, ou seja, o destaque, seria oferecido para a temporada de caça, e não para os projetos de preservação – estes ficariam confinados em um box.

Em uma reportagem publicada em 1996 (05 de junho), intitulada “Terra arrasada – Depois de limpar o ar, Cubatão não sabe como resolver o problema da poluição no solo e na água”, são observadas as consequências dos danos causados ao ecossistema de Cubatão nos anos 80(5). Com uma linguagem quase melancólica, o repórter descreve uma terra cuja paisagem, de acordo com suas palavras, é desoladora. Tanto a abertura quanto a conclusão fazem uma espécie de alerta para o que está ocorrendo naquela cidade.

“Sem ter uma dimensão dos estragos ambientais causados pelo crescimento nos anos 60 e 70, Cubatão permanece em estado de alerta”. Dessa maneira, a matéria é concluída, possibilitando ao leitor uma reflexão sobre os rumos desenvolvimentistas tomados e os caminhos que a cidade ainda deverá tomar.

À medida que os anos vão se passando, percebe-se uma interpretação mais romantizada em relação à Natureza. Porém, esse novo tratamento não exclui uma abordagem séria das causas ambientais, que foi o que de fato ocorreu. As reportagens muitas vezes passaram a apresentar leves toques de humor, revelando um relacionamento amistoso entre os seres humanos e a Natureza, e

não mais sendo valorizado o antagonismo de outrora.

Em 1997, foi publicada uma notícia sobre um vazamento de petróleo nas praias do Nordeste. Logo no título – “Beleza maculada” (13 de agosto) – é possível perceber o tratamento dado ao objeto da pesquisa. A Natureza aqui é vista como algo quase divino, e o estrago causado a ela significou uma espécie de violação, algo que não poderia ser mexido. Na reportagem, a jornalista oferece apoio a ecologistas e autoridades.

4.1 – OS ANOS FINAIS

Em 2000, há algumas matérias interessantes de serem comentadas. Grandes reportagens trabalham a questão da degradação dos recursos naturais. “Está virando água” (29 de março) chama atenção para um problema cada vez mais em evidência nos dias atuais: o derretimento das calotas polares em consequência do aquecimento global. Todas as imagens mostram icebergs, geleiras ou a fauna que nelas habita. A matéria comenta os riscos que o planeta corre, mas deixa em aberto, com auxílio de depoimentos de especialistas, se realmente as grandes quantidades de carbono lançadas na atmosfera pelas indústrias são as culpadas por este processo de derretimento de gelo.

Outra mudança de interpretação observada de 1985 para 2000 é a possibilidade de se culpar a espécie humana pela degradação das espécies terrestres. A visão antropocêntrica não garante mais o mesmo espaço na revista semanal. Coloca-se o homem como responsável pelos prejuízos causados à biosfera, como na terceira reportagem citada. Tendo como tema, novamente, a cidade de Cubatão, assim é iniciada a matéria: “A vida retorna a Cubatão - Mangue que o homem poluiu e arrasou com as dragagens renasce transformado num grande viveiro para mais de oitenta espécies de aves aquáticas, algumas delas vindas do Hemisfério Norte” (06 de dezembro).

“Em pelo menos um lugar do Brasil, o meio ambiente está vencendo a guerra contra a destruição provocada pelo homem”. Assim começa a reportagem “Enfim, uma boa nova” (07 de março de 2001), que mostra o renascimento de floresta original de Mata Atlântica, no Rio Grande do Sul. Publicada na seção “Ambiente”, ela apresenta expressões como “o verde reage”, e a foto de parte da floresta é acompanhada pela legenda “Surpresa: mata que parecia condenada dá sinais de recuperação”. De fato, parece surpreendente a publicação de uma notícia positiva a respeito desse tema. O próprio jornalista confirma: “Num país em que a regra é o encolhimento da área verde, trata-se de uma notícia espetacular”. Talvez tenha sido exatamente por essa razão a publicação do fato.

Elementos de mais uma reportagem publicada em 2001 deve ser mencionado. A Veja traz na capa uma chamada sensacionalista em “A vingança da natureza” (18 de abril)(6), que prepara o leitor para o título da matéria: “A Natureza contra-ataca”. A extensa reportagem relata os problemas ambientais da atualidade, uma consequência do modelo de desenvolvimento adotado desde

a Revolução Industrial. O tratamento dado ao corpus do estudo é altamente positivo, principalmente por colocar as agressões feitas pelo homem como a causa dessa crise ambiental.

A reportagem intitulada “Os ecopredadores” (17 de novembro de 2004), na seção “Ambiente”, nos dá oportunidade de tecermos comparações com matérias já analisadas neste estudo, como a forma de tratar os animais não-humanos. As emblemáticas matérias sobre peixes ornamentais (1985) e saúvas (1986) apresentaram abismos entre os seres humanos e as demais espécies; o que se nota agora, porém, são animais vistos como seres integrantes da natureza, não como objetos. A abertura da matéria confirma esse respeito:

Ursos com taquicardia, pingüins abaixo do peso normal e golfinhos com mau humor – há algo de errado no mundo animal, e a culpa não é da natureza. Alterações como essas têm sido observadas na fauna das regiões onde se pratica de maneira extensiva o ecoturismo.

Em 2005, último ano de nossa análise, o índice de matérias positivas é de quase cem por cento. Nota-se, igualmente, uma certa estabilidade no direcionamento do enfoque principal. “Poluição na Floresta” (31 de agosto), por exemplo, reúne aspectos ecológicos e sociais. Essa idéia é facilmente comprovada já no subtítulo: “O fogo destrói a natureza e também os pulmões de quem vive na Amazônia”. Ao contrário das matérias sobre dedetização, agrotóxicos e radioatividade, publicadas em 1985, essa reportagem consegue equilibrar seu enfoque, atribuindo a mesma importância tanto para a questão dos impactos ao meio ambiente, quanto à saúde humana.

Nesse último ano, percebe-se uma forte angulação para o desenvolvimento sustentável. Em reportagem intitulada “A Revolução Verde” (9 de fevereiro), o jornalista divulga vitórias na área ambiental a partir do uso desse conceito:

(...) o mais animador é que a recuperação da área verde não é resultado de privação do uso da floresta e de seus produtos. Ao contrário. O que está ocorrendo é a descoberta de que quando se conjuga uma ação governamental sólida com a economia se tem uma eficiente arma contra o desmatamento.

Caracterização bastante simbólica da natureza para o presente estudo é, igualmente, a contida na reportagem “Tesouro submerso” (17 de agosto). No final da abertura, assim o repórter define a riqueza do Arquipélago de São Paulo e São Pedro, ecossistemas até então pouco explorados: “Considerado um dos menores conjuntos de ilhas oceânicas do mundo, (...) o arquipélago fica a cerca de 1 000 quilômetros da costa do Rio Grande do Norte e forma um tesouro ecológico, econômico e científico desconhecido de grande parte dos brasileiros”. Utilizando o enquadramento “desenvolvimento sustentável”, são abordadas questões de ordem econômica, como peixes de alto valor comercial presentes nas ilhas, mas o valor ecológico tem grande destaque. A conclusão

da matéria é um exemplo: “O local reserva experiências inesquecíveis. Como cruzar com um tubarão-baleia, o maior peixe do mundo, que está ameaçado de extinção e elegeu o lugar para fazer suas cada vez mais raras aparições”.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro de um período de vinte anos, foi possível constatar diversas mudanças ocorridas na abordagem da revista *Veja* em relação ao meio ambiente. O uso de expressões como “proteção ao meio ambiente”, “impacto ambiental” e “ecologia” ficou cada vez mais comum com o passar dos anos. Reportagens com temas recorrentes, como a Floresta Amazônica, tiveram suas angulações modificadas. Exemplo disso é a diferença percebida entre a primeira reportagem analisada, de 1985, a respeito da venda de peixes ornamentais, e a matéria sobre o fogo que destrói a floresta e a saúde, em 2005.

Em meados da década de 80, meio ambiente na revista *Veja* era um assunto necessariamente secundário. Com o peso das editorias de política e economia da época, a questão ambiental ficou “presa” (Marcos Sá Corrêa, 2007)(7). Mudanças mais evidentes quanto ao tratamento dispensado ao tema ocorreram no final da década de 80 e no início da década de 90. A *Eco-92* cumpriu importante papel ao apontar para uma direção a ser seguida rumo à sustentabilidade. A mídia muito se beneficiou com isso, abrindo espaço nas redações para esse tipo de pauta.

É verdade que não ainda de maneira plena e satisfatória, sob o ponto de vista de como deve ser o “jornalismo ambiental”. Seguindo as palavras do jornalista André Trigueiro, não basta denunciar o que está errado (2005, contra-capa). É preciso sinalizar rumo e perspectivas, abrindo espaço na mídia para as soluções e alternativas ao modelo de desenvolvimento não-sustentável.

As notícias de cunho ambiental, na maioria das vezes, são frutos de modismos (temas como *Rio-92* e desenvolvimento sustentável, na década de 90, e mudanças climáticas, em 2007) e/ou da valorização do caótico (notícias sensacionalistas, impactantes). O grande valor do jornalismo é noticiar o que é considerado relevante social e coletivamente.

Segundo *Ciro Marcondes Filho*, “cada época é governada por um paradigma dominante, em função do qual os dados, as informações e as opiniões são avaliadas quanto ao seu grau de verdade (2002, p.124). O que esperamos para um futuro próximo é uma mudança de paradigma, aliada ao fortalecimento da visão holística do meio ambiente. Afinal, não podemos falar sobre crescimento econômico se não levarmos em consideração a escassez dos recursos naturais.

Momento virá em que as chamadas pautas ambientais serão desconstruídas, levando os editores da grande mídia a distribuí-las a repórteres de economia, política, cultura, esportes... A partir de então, o jornalista “especializado” na cobertura daqueles temas poderá também ser considerado um “jor-

nalista ambiental”. Mais do que falar sobre flora e fauna – em especial, sobre o mico-leão dourado –, ele estará apto a pensar o mundo de maneira universal, não-fragmentada, não-categorizada. Afinal, é essa a verdadeira definição de “Ecologia”. E, em decorrência de tal mudança, não é arriscado sugerir que a ecologia será a religião do futuro(8)

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABI – Academia Brasileira de Imprensa. Arquivo da revista Veja. Rio de Janeiro, 2006.

BAHIA, Juarez. Jornal, história e técnica – as técnicas do jornalismo. São Paulo: Ática, 1990.

BAUER, Martin W. e GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002. cap.2: A construção do corpus; cap. 8: Análise de conteúdo clássica: uma revisão.

BOAS, Sérgio Vilas. O estilo magazine: o texto em revista. São Paulo: Summus, 1996.

DUARTE, Lúcia. Ética ambiental e comunicação: considerações pragmáticas. In: FREITAS, Ricardo F. e LUCAS, Luciane (Org.). Desafios contemporâneos em comunicação: perspectivas de Relações Públicas. São Paulo: Summus, 2002.

FILHO, Ciro Marcondes. Comunicação e Jornalismo – A saga dos cães perdidos. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

GUATTARI, Félix. As três ecologias. São Paulo: Papirus, 1990.

MARCONDES, Adalberto. Um olhar verde sobre o jornalismo. In: I Congresso de Jornalismo Ambiental, Out/2005, Santos, SP.

NELSON, Peter. 10 dicas práticas para reportagens sobre o meio ambiente. NEJ/RS, 1994.

PORTO, Mauro P. Enquadramentos da Mídia e Política Enquadramentos da Mídia e Política. In: XXVI Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais – ANPOCS, Out/2002, Caxambu/MG.

THOMAS, Keith. O homem e o mundo natural. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

TRIGUEIRO, André. Mundo Sustentável. Abrindo espaço na mídia para um planeta em transformação. São Paulo: Globo, 2005.

VILLAR, Roberto. Os quatro desafios do jornalismo ambiental brasileiro. In: I Congresso de Jornalismo Ambiental, Out/2005, Santos, SP.

- Site consultado

Rede Brasileira de Jornalistas Ambientais – www.jornalistasambientais.org.br

Notas:

1 Em pesquisa recente, apurou-se que o consumo da Veja, em um total de aproximadamente 7,6 milhões de leitores, é dividido da seguinte forma: Classe A – 31%; Classe B – 41%; Classe C – 20%; Classe D/E – 8%.
Fonte: www.veja.com.br.

2 Lúcia Duarte, a respeito disso, comenta ser possível utilizar a mídia como termômetro das transformações sociais que representa. De um lado, seu papel informativo difunde tendências e conhecimentos; do outro, tende a veicular mensagens que agradem seu público consumidor. “A mídia não transcende a sociedade que a produz”. (Duarte, 2002, p. 155).

3 A jornalista Paula Saldanha reforça, afirmando que, depois da Constituição de 1988 e da Rio-92, a mídia impressa e a TV começaram a dar espaços para as questões ambientais. (depoimento extraído de entrevista cedida ao JBEcológico, Dez/2004).

4 Confusão esta que a Veja confirmava, conforme mostrado no decorrer da pesquisa.

5 Cubatão ficou conhecida como a cidade mais poluída do mundo na década de 80. Localizada em área estratégica - próxima de São Paulo e do porto de Santos -, foi escolhida para a instalação de um pólo industrial. Mas o município está situado na encosta da Serra do Mar, que forma uma barreira natural e impede a circulação dos ventos, dificultando a dispersão de poluentes. Com o passar dos anos, a poluição contaminou toda a cadeia ecológica da cidade.

6 É curioso notar que essa sentença faz alusão a um slogan bastante divulgado na década de 90, após a Rio-92: “A natureza não se defende; a natureza apenas se vinga”.

7 Entrevista com o jornalista, feita pela autora desse trabalho, por contato direto.

8 A jornalista Paula Saldanha citou essa máxima, em entrevista ao JBEcológico (Dez/2004). A autoria da frase é de seu marido Roberto Werneck, também jornalista.